



## A DOCTRINA ARISTOTÉLICA DA MEDIEDADE

**MENEZES, Diego Sabbado<sup>1</sup>; HOBUSS, João<sup>2</sup>.**

<sup>1,2</sup> Departamento de Filosofia – ISP/UFPel  
Rua Alberto Rosa – Caixa Postal 354 – 96001-970. [diego8sm@gmail.com](mailto:diego8sm@gmail.com)

### INTRODUÇÃO

A doutrina aristotélica da mediedade é ponto fundamental na compreensão da teoria da virtude e conseqüentemente, de toda ética aristotélica. A “mediedade” é um conceito usado por Aristóteles que se refere ao “meio-termo” ou “justo-meio”, que deve ser a base para as escolhas corretas. Na *Ética Nicomaco* II 4-9 Aristóteles busca determinar precisamente o que é a virtude, para após construir uma doutrina capaz de especificar o modo como se a alcança. É nestas passagens que ele lança mão de sua doutrina da mediedade, através da qual podemos precisar o meio termo, que é propriamente a virtude (moral) que se deve alcançar.

### METODOLOGIA

Para entendermos o papel da mediedade no conjunto da teoria aristotélica, nos apoiaremos na exegese do texto da *EN* II 4-9.

### RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nas passagens em foco, o autor investiga o que é propriamente a virtude e a fim de começar sua investigação apresenta alguns candidatos à definição de virtude. Segundo ele existem três estados que se geram na alma, e que são importantes para se analisar: emoções, capacidades e disposições; a virtude se enquadra em um destes estados. “*Dado, pois, que os estados que se geram na alma são três: emoções, capacidades, disposições, a virtude será um deles.*” (ARISTOTELES, *Ética Nicomachea*, 1105b 19-20).

É preciso que se compreenda cada um desses estados para facilitar a definição de virtude, dessa forma o autor começa a definir: a) emoções em geral é tudo aquilo à que se segue prazer ou dor; b) capacidades são estados onde somos afetados pelas emoções; c) disposições são estados em que nos portamos bem ou mal com relação às emoções. Após esta breve definição dos estados, compara características da virtude com as dos estados, para assim encontrar qual o adequado à virtude.

As virtudes não podem ser emoções, pois não somos virtuosos em função das emoções, mas em função das próprias virtudes, tampouco elogiamos em função das emoções, mas elogiamos também em função das virtudes mesmas. Segundo o autor as emoções ocorrem independentemente de nossa deliberação, enquanto as

virtudes só existem através da escolha deliberada. “*Além disso, encolerizamo-nos e tememos independentemente de uma escolha deliberada, ao passo que as virtudes são certas escolhas deliberadas ou não são sem escolha deliberada.*” (1106<sup>a</sup> 3-5).

Podemos ainda acrescentar que somos afetados pelas emoções e não pelas virtudes, mas nos dispomos pelas virtudes. Da mesma forma as virtudes não são capacidades: “*nem nos dizemos bons ou maus pelo fato de sermos simplesmente capazes de ser afetados, nem elogiamos nem censuramos. Ademais, somos por natureza dotados de capacidades, mas não nos tornamos por natureza bons ou maus.*” (1106<sup>a</sup> 6-8).

Sendo assim, o autor por eliminação conclui o que a virtude é quanto ao gênero: “*se então as virtudes não são nem emoções nem capacidades, resta que são disposições*” (1106<sup>a</sup> 10).

Após ter definido que a virtude é quanto ao gênero então, uma disposição, o autor buscará definir que tipo de disposição é a fim de melhor compreender a virtude. Desta forma, Aristóteles fará uso do conceito de mediedade, conceito chave de sua ética e essencial para se compreender o que é a virtude.

Toda virtude é virtude de algo, e assim aprimora aquilo de que é virtude: “*a virtude do homem também será a disposição graças à qual ele se torna um homem bom e graças à qual desempenha bem a função de si próprio.*” (1106<sup>a</sup> 21-24). Um homem se torna virtuoso quando é bom e quando desempenha bem sua função de homem, e isso só é possível para o autor quando o homem atinge o meio termo entre excesso e falta. Porém o meio termo deve ser melhor entendido e o autor o divide de duas formas: o meio termo da coisa e o meio termo relativo a nós. O meio termo da coisa nada mais é que uma proporção aritmética: “*se dez é muito e dois é pouco, toma-se o seis como meio termo da coisa*” (1106<sup>a</sup> 33-34). Já o meio termo relativo a nós não pode ser entendido como uma proporção aritmética, mas como algo que está entre o excesso e a falta: “*se a alguém comer dez minas de peso é muito e duas é pouco, não é verdade que o treinador prescreverá seis minas, pois isto talvez seja pouco ou muito para quem as receberá: para Mílon será pouco, para o principiante nos exercícios será muito.*” (1106<sup>a</sup> 36 - b 4). Além disso, o relativo a nós deve ser bem compreendido, visto que o “nós” significa que é relativo ao agente e às circunstâncias nas quais o agente está inserido. A busca do meio termo relativo a nós torna-se obviamente muito mais complicada e particular. Mas é ao meio termo relativo a nós que a virtude tem em mira. Vale ressaltar, como o faz Aristóteles, que a virtude de que falamos é “*a virtude moral, pois ela concerne a ações e emoções, nas quais há excesso, falta e meio termo*” (1106b 16-17) e não as virtudes intelectuais que não têm em mira o meio termo. A virtude (moral) é uma mediedade (meio termo entre excesso e falta relativo a nós) que diz respeito a ações e emoções e deve seguir vários critérios: “*o quando deve, a respeito de quais, relativamente a quem, com que fim e como deve*” (1106b 21-22); só a partir daí é que se encontra o meio termo.

Fica óbvio o quanto mais difícil é se chegar ao meio termo, ou seja, muito mais difícil de se chegar a virtude do que ao vício, assim “*o errar se dá de muitos modos*” (1106b 29), enquanto “*o acertar dá-se de um único modo*” (1106b 30).

Depois de submeter a virtude a uma delicada análise, levando em consideração diferentes aspectos à serem explicitados, Aristóteles parece chegar à conclusão sobre a virtude. Primeiramente, vimos que ela é uma disposição, que surge da escolha deliberada, e que não é excesso nem falta, mas uma mediedade. Essa mediedade é relativa a nós e não a coisa. Agora conclui sua definição acrescentando o papel da razão em determinar a disposição. Nas suas palavras: “A

*virtude é, portanto, uma disposição de escolher por deliberação, consistindo em uma mediedade relativa a nós, disposição determinada pela razão, isto é, como determinaria o prudente” (1106b 36-1107<sup>a</sup> 2).*

No que diz respeito a mediedade restam ainda algumas observações. Nem toda ação ou emoção possui uma mediedade. Visto que a mediedade corresponde ao bem e ao melhor, algumas ações como: roubo, assassinato; e emoções como: malevolência e inveja, não admitem a mediedade. Visto o caráter negativo de tais ações e emoções, que são perversas em si mesmas e por isso um vício, é impossível acertar com elas, logo não existe uma mediedade.

Apesar de discorrer bastante sobre a mediedade, neste momento, o autor não tem a mesma atenção com a escolha deliberada que tem poucas linhas dedicadas à sua definição, mas que será retomada no Livro III. Ainda assim a mediedade continua sendo o foco de Aristóteles e sua preocupação é, ainda, mostrar o meio termo em diversas ações e emoções, saindo assim de uma definição de modo geral para uma definição dos casos particulares. Desse modo o autor vai criando um catálogo das virtudes particulares.

A partir de sua doutrina da mediedade chega a várias virtudes, sendo as mais importantes neste momento: coragem e temperança. Vale lembrar que diversos meio termos não têm nome e que alguns foram criados pelo autor. Podemos também estabelecer certas relações e mesmo hierarquias que podem nos ajudar não só a entender tal doutrina, mas nos ajudam também a aplicá-la. Assim, autor estabelece estas relações de semelhança-dessemelhança e aproximação-distância. *“Três sendo os estados: dois vícios, um por excesso, outro por falta, e uma virtude, a mediedade, todos se opõem de certo modo a todos, pois os extremos são contrários entre si e ao meio termo e o meio termo aos contrários” (1108b 10-15).* Assim, o covarde verá o corajoso como temerário, assim como o temerário verá o corajoso como covarde, fazendo com que a mediedade seja sempre repelida ao extremo oposto.

Ainda estabelecendo estas relações, podemos dizer que os opostos são mais contrários entre si do que com relação ao meio termo. Ocorre também em alguns casos que o meio termo seja mais semelhante à algum dos extremos do que ao outro. Isto ocorre por duas causas: *“a primeira provém da própria coisa: por estar um dos extremos mais próximo e assemelhar-se mais ao meio termo, opomos mais ao meio termo não este extremo, mas o seu contrário” (1109<sup>a</sup> 5-8).* Isso ocorre no caso da coragem, em que a temeridade é mais próxima ao meio termo do que a covardia, dessa forma opomos mais a covardia.

A outra causa *“provém de nós mesmos, pois se mostram mais contrários ao meio termo os extremos aos quais, de algum modo, mais nos inclinamos naturalmente” (1109<sup>a</sup> 11-14),* como é o caso dos prazeres, visto que tendemos naturalmente mais aos prazeres, somos mais propensos à intemperança do que ao decoro. Essa relação ocorre então não só no interior da doutrina, mas também é influenciada pela propensão natural que nos impele mais a um extremo que ao outro.

## CONCLUSÕES

A dificuldade de sermos virtuosos é grande, visto a dificuldade de determinarmos o meio termo em cada situação. É fácil *“o encolerizar-se, dar ou gastar dinheiro, mas não é para qualquer um nem é fácil o determinar a quem, quanto, quando, em vista do que e como fazer. Por esta razão, o bem agir é raro,*

*louvável e belo*”, (1109<sup>a</sup> 27-29), sendo assim, o fim da virtude é o belo ou nobre (*kalon*). Visto toda essa dificuldade, é melhor que pelo menos tomemos o menor dos males, o mais perto possível do meio termo. Devemos fugir dos erros que somos mais propensos a cometer, por isso devemos buscar seu contrário, “*como fazem os que endireitam a madeira empenada*” (1109b 6). Mas como tudo isso depende das circunstâncias dos casos particulares, torna-se mais difícil precisar com exatidão o meio termo, pois “*por vezes louvamos os que estão em falta e os chamamos de tolerantes, por vezes louvamos os que têm caráter difícil e os denominamos de viris*” (1109b 18). Resumidamente: devemos buscar a disposição mediana ou o que mais se aproxima dela, isto é louvável e assim nos tornaremos virtuosos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARISTÓTELES. *Ethica Nicomachea* (I. Bywater, ed.). Oxford: Oxford Classical Texts, 1942.
- \_\_\_\_\_. *Nicomachean Ethics* (translated with introduction, notes, and glossary, by Terence Irwin). 2<sup>a</sup> ed. Indianapolis/Cambridge: Hackett, 1999.
- HOBUSS, J. “Sobre a mediedade em Aristóteles: generalização e circunstância”. *Ethic@*, v.3, n.1, 2004, p. 47-60.
- \_\_\_\_\_. “O meio relativo a nós em Aristóteles”. *Ethic@*, v. 6, n.1, 2004, p. 19-34.
- \_\_\_\_\_. “Sobre o significado da doutrina da ‘mediedade’ em Aristóteles”. *Revista de Filosofia Antiga*, v. II, 2, 2008, p. 1-27.
- KRAUT, R. (org.). *Aristóteles. A Ética a Nicômaco*. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- ZINGANO, M. *Aristóteles. Ethica Nicomachea I 13 – III 8. Tratado da virtude moral* (tradução, notas e comentário de Marco Zingano). São Paulo: Odysseus, 2008.
- \_\_\_\_\_. *Estudos de ética antiga*. São Paulo: EDUSP, 2007.